

**AUTOR**

**Luciana Maria Masiero\***

[lumasiero@usal.es](mailto:lumasiero@usal.es)

\*Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade de Salamanca. Bolsista Capes (Brasil)

# Etnocirurgias no Brasil: identidade, multiculturalismo e globalização

Etnocirugías en Brasil: identidad, multiculturalismo y globalización

*Ethnic plastic surgeries in Brazil: identity, multiculturalism and globalization*

**RESUMO**

O objetivo desta investigação é entender as transformações socioculturais geradas pelas etnocirurgias através de uma reflexão sobre a identidade, o multiculturalismo e a globalização no Brasil. Este procedimento cirúrgico é considerado um meio de integração de imigrantes nas sociedades modernas, pois possibilita uma homogeneização corporal pela transformação de traços étnicos distintivos. Por outro lado, também pode ser interpretado como uma nova forma de subordinação social e racismo. Trata-se de um estudo teórico de revisão bibliográfica com ênfase na antropologia social e cultural.

**RESUMEN**

El objetivo de esta investigación es entender las transformaciones socioculturales generadas por las etnocirugías a través de una reflexión sobre la identidad, el modelo multicultural y la globalización en Brasil. Este procedimiento quirúrgico es considerado un medio de integración de inmigrantes en las sociedades modernas, pues posibilita una homogeneización a través de la transformación de los rasgos étnicos distintivos. Por otro lado, también puede ser interpretado como una nueva forma de subordinación social y racismo. Es un estudio teórico de revisión bibliográfica con base en la antropología social y cultural.

**ABSTRACT**

The purpose of this research is to understand the socio-cultural transformations generated by ethnic plastic surgeries through a reflection about identity, multiculturalism and globalization in Brazil. This surgical procedure is considered a way of immigrants to be integrated in the modern societies, because it promotes some body homogeneous by the transformation of distinctive ethnic features. On the other hand, it can also be interpreted as a new form of social subordination and racism. It is a theoretical study based on literature review with emphasis on a social and cultural anthropology.

## 1. Introdução

As cirurgias plásticas estéticas são instrumentos médicos que atuam como mediadores de exigências socioculturais em sociedades globalizadas (Teixeira, 2016). Dentro dessa especialidade cirúrgica surgiu uma subclassificação denominada etnociurgia, conceituada por García Muñiz (2010: 39) como uma cirurgia plástica realizada em pessoas de diferentes etnias para corrigir traços faciais ou corporais distintivos.

As etnociurgias buscam formar modelos de beleza específicos, principalmente o caucasiano, fomentados pelas projeções midiáticas das sociedades globalizadas que não cessam de seguir um regime escópico (Martínez-Magdalena, 2014). Sem embargo, as transformações corporais tornam-se cada vez mais paradoxais, pois apesar da valorização da diversidade cultural e da suposta liberdade corporal do mundo globalizado, parece continuar existindo uma subordinação corpóreo-social, muitas vezes, camuflada pela vaidade individual. Pode-se entender essa vaidade como uma busca por uma distinção pessoal através da exibição de qualidades e atributos físicos. Por outro lado, também pode ser vista como uma vaidade que tenta eliminar a distinção social negativa que discrimina, segrega e julga (Bourdieu, 2007)<sup>1</sup>.

As etnociurgias mais frequentes são as correções de nariz (rinoplastias), a redução de culotes (lipoaspiração), a correção dos olhos (blefaroplastias) e as modificações da face (ritidoplastias) realizadas em indivíduos de diversas descendências étnicas (Vidal e Vigil, 2010; Ramírez, Torres e Volpe, 2007). Segundo Barth (1976), definir um grupo étnico pelas características morfológicas que portam é uma forma simplista de descrever um termo cultural que abrange fronteiras limitadas tanto pela ecologia, demografia, geografia, política como pela economia.

Além disso, o desejo de aceitação da diversidade cultural e corporal dos indivíduos possibilitou que os governos das sociedades modernas criem modelos de inclusão (Kymlicka, 1996). O multiculturalismo e o interculturalismo são exemplos desses modelos e visam um convívio civilizado incentivando a integração sociocultural das diferentes culturas (Gutmann, 1997). Entretanto, mesmo com esses projetos de inclusão em sociedade, algumas formas de discriminações étnicas são refletidas socialmente através do corpo, causando uma instabilidade na formação da identidade dos sujeitos.

A globalização permitiu uma democratização das cirurgias plásticas no Brasil aumentando o acesso de diversos tipos de pacientes (SBCP, 2016). Sem embargo, as etnociurgias provocaram não só uma mudança na identidade do sujeito operado, mas também uma homogeneização social coletiva que pode extinguir traços culturais característicos e criar sentimentos de autorracismo causados pela falta de aceitação de si mesmo e pela necessidade de comparações com os outros (Goldenberg e Ramos, 2007). Portanto, esse estudo de revisão bibliográfica busca refletir se as transformações corpóreo-identitárias geradas pelas etnociurgias são motivadas pela vaidade ou se são uma forma de subordinação social indireta e de racismo resultantes da globalização.

## 2. Métodos

Esta investigação teórica consiste em uma revisão bibliográfica sobre as cirurgias plásticas, etnociurgias, cultura do corpo, identidade, globalização e multiculturalismo. Para este fim, utilizou-se materiais existentes nas Universidades de Salamanca, bem como bases de dados de revistas científicas como *Anthrosource* e SCOPUS<sup>2</sup>. Também foram utilizadas as bases de dados de acesso livre Redalyc, Dialnet e Google Scholar<sup>3</sup>.

### **PALAVRAS-CHAVE**

**Cirurgias plásticas; etnias; identidade; globalização; multiculturalismo**

### **PALABRAS CLAVE**

**Cirugía plástica; etnias; identidad; globalización; multiculturalismo**

### **KEYWORDS**

**Plastic surgery; ethnicity; identity; globalization; multiculturalism**

Recibido:

23.05.2016

Aceptado:

09.09.2016

A revisão teve duração de seis meses e facilitou a obtenção de informações para a elaboração da análise e da discussão da investigação. Como o tema das etnocirurgias é atual e devido a uma necessidade de interpretar símbolos e novas concepções da cultura do corpo no seu contexto histórico-sociológico, usou-se a linha da antropologia social e cultural. O centro das revisões voltou-se para os estudos que abordavam conceitos teóricos e empíricos com metodologias que buscam a melhora de problemas sociais, econômicos e de saúde contemporâneos.

### 3. O Brasil

A colonização europeia deixou legados nas cidades brasileiras que possuem características tanto físicas como culturais como a alimentação, os dialetos, a música e a moda. Os corpos no Brasil possuem uma aparência variada possivelmente resultante da miscigenação iniciada no período colonial desse país. Essa hibridação dificulta a caracterização de um traço brasileiro que identifique a sua população, transformando o Brasil numa tela representada pela arte da mistura.

Brasil é o segundo país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo (SBCP, 2016), muitas delas definidas como etnocirurgias. Também é considerado um país híbrido por possuir em sua população uma grande mestiçagem étnica e também um grande número de pacientes que buscam esse tipo de cirurgia plásticas (García Muñiz, 2013; Machado-Borges, 2008). Para entender o motivo de tantas etnocirurgias serem realizadas no Brasil é interessante conhecer a origem da mistura étnica dos brasileiros através de uma breve revisão das principais teorias de raças do período colonial, mesmo ciente de que o termo raça não seja o mais indicado atualmente.

Gilberto Freyre (1980) foi um dos primeiros autores a escrever sobre a cultura brasileira na época da colonização do Brasil. Descreveu as relações sociais que existiam na casa grande e na senzala, mostrando a sexualidade dos corpos das escravas mulatas e o quanto atraíam os senhores feudais. Na frase: “mulher branca para casar e mulher mulata

para transar”, Freyre demonstra que os corpos eram vistos como uma forma de classificação social, seja pela cor, seja pela economia. Com a leitura desse livro, também podemos entender como começou a mestiçagem do povo brasileiro e as suas desigualdades sociais. No entanto, o importante do texto no tocante das etnocirurgias diz respeito ao fato de o autor afirmar que os brasileiros, independentes de sua genealogia, são todos culturalmente africanos, índios e europeus. Ou seja, para o brasileiro não importa a cor da sua pele, pois a maioria deles é uma mistura dessas três origens culturais.

Apesar da visão otimista do convívio entre o senhor e o escravo de Freyre (1980), as discriminações sociais no Brasil são constantes e até hoje repercutem na sociedade. Temas como o racismo são frequentemente debatidos, bem como a criação de campanhas de combate, quotas em universidades e punições jurídicas para os casos de racismo. Entretanto, uma nova forma de racismo vem crescendo, o autorracismo, onde a pessoa não se aceita e se julga por pensar diferente ou sentir-se inferior buscando, muitas vezes, soluções na realização de etnocirurgias (García Muñiz, 2010).

Lévi-Strauss (1999), em *Raça e História*, também afirma que as raças não são diferentes por suas cores, mas sim por suas culturas. Para o autor, as culturas são diferentes em função da distância geográfica, das propriedades particulares do meio e da ignorância que tinham do resto da humanidade. Ennes (2010), por outro lado, difere raça de etnia reservando o conceito de raça para os fatores biológicos e o de etnia para os fatores culturais das sociedades e dos povos. Muitas questões de cultura estiveram juntas com os aspectos étnicos (Barth, 1976). Portanto, ao referirmos a hibridação do corpo do brasileiro devemos saber que a cultura e a etnia são uma dualidade fundamental no conhecimento do contexto histórico colonial.

Outro importante autor que abordou o período colonial no Brasil foi Roberto DaMatta (1987). Ele citou as etnias brasileiras através do triângulo negro-branco-indígena revelando a forma de ver os corpos pelas suas origens, porém associando-os a diferentes significados sociais. O Brasil, desde o período colonial, foi um país colonizado e imigrado por europeus. Não só por Portugal, mas também

por Holanda, França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Espanha que passaram por essas terras difundindo seus genes entre os nativos. A partir disso, os filhos das nativas com os europeus iniciaram o processo de mestiçagem e a formação da identidade do brasileiro (Mota, Lopez e Pérez, 2009).

Fredrik Barth (1976) também representa a etnicidade de maneira importante. Para ele, os grupos étnicos são mais baseados nas fronteiras entre os grupos do que no fato de compartilharem uma mesma cultura. O autor cria uma perspectiva sistemática baseada na ecologia e na demografia para determinar o êxito ou o fracasso na tomada de decisões relacionadas com a identidade étnica. A demografia tem função na formação das fronteiras dos indivíduos onde pode ocorrer osmose e trânsito de indivíduos. Ou seja, a geográfica proporcionaria algo mais similar ao resultado do convívio do que uma característica para definir a organização do grupo étnico. Além disso, Barth afirma que a definição dos grupos a partir de si mesmos limita o âmbito dos fatores que utilizamos para explicar a diversidade cultural, pois nos remete a pensar que cada grupo se desenvolve socioculturalmente em isolamento relativo, adaptando-se de acordo com os fatores ecológicos locais (Barth, 1976). As condutas, portanto, poderiam ser representadas por adaptações aos fatores ambientais na formação das organizações sociais.

O conceito de etnicidade de Barth se refere ao fato de que um grupo étnico não define uma sociedade e muito menos uma cultura, mas é um sujeito da etnicidade visto como consequência do compartilhamento cultural. Para ele os grupos étnicos não são unidades sociológicas estruturadas por traços culturais distintivos, mas são “portadoras” da especificidade grupal, criticando um tipo ideal de um grupo étnico. Tal visão, se disseminada, evitaria inúmeras etnocirurgias que buscam alcançar um padrão de beleza. Com o individualismo moderno, conhecer a visão de Barth e sua forma de explicar a etnicidade pela formação de um mundo de povos separados, auxilia na compreensão das sociedades baseadas na própria cultura descrita por ele como se fossem uma “ilha”, assim como atuam muitos sujeitos sociais nos dias de hoje. (Barth, 1976: 12).

Podemos dizer que as noções de raça de DaMatta são muito similares às de Freyre no que diz

respeito à miscigenação triangular entre o índio, o escravo e o europeu. Porém, Freyre aborda de uma maneira mais literária enquanto DaMatta busca base na antropologia cultural. Também podemos observar semelhanças nas versões de Lévi-Strauss, Ennes e Barth quando tratam dos aspectos geográficos, biológicos e culturais. Esses autores se complementam demonstrando a importância da compreensão da etnicidade do brasileiro para o entendimento das motivações das pessoas em realizar etnocirurgias atualmente como o desejo de ascensão social e busca de poder revelado principalmente pelo conquistador europeu branco que segue, desde a colonização, sendo um dos padrões de beleza mais seguidos. Antes, através de roupas e dos acessórios e hoje também pelas modificações corporais geradas pelas cirurgias plásticas.

Ao aplicar a antropologia neste caso, devemos estar atentos aos fatores sociais e simbólicos que esses procedimentos representam. Segundo Geertz (1992), tanto as crenças como os comportamentos individuais possuem uma representação simbólica que passa por um mecanismo de controle iniciado com a ideia de que o pensamento humano é social e público. Contudo, para interpretar as etnocirurgias através das representações simbólicas do corpo é fundamental entender o pensamento social que influi na cultura do corpo de quem realiza tal procedimento cirúrgico.

## 4. A etnocirurgia

A primeira autora a escrever sobre as etnocirurgias foi a antropóloga mexicana Elsa García Muñiz (2010), que as definiu como cirurgias plásticas estéticas realizadas em pacientes de diferentes etnias para corrigir traços faciais ou corporais. Nas últimas décadas, as etnocirurgias, também conhecidas como cirurgias plásticas étnicas ou *ethnic plastic surgery* (Singh et al, 2010), tiveram uma grande procura no Brasil principalmente de rinoplastias (cirurgias nos olhos), lipoaspiração e blefaroplastias (cirurgias nos olhos) (ISAPS, 2016).

No Brasil e no mundo, uma das cirurgias plásticas mais realizada é a lipoaspiração ou lipoescultura

(SBCP, 2016). Essa cirurgia consiste na retirada do excesso de gordura que pode ser recolocada em outra parte do corpo. Geralmente os pacientes mestiços possuem um quadril mais largo e uma musculatura glútea mais avantajada. Contudo, nem sempre essas características físicas são apreciadas pelos pacientes, pois alguns sujeitos buscam na cirurgia plástica uma maneira rápida de modificar uma parte do corpo que não lhes agrada e seguir um modelo de beleza midiático (Goldenberg e Ramos, 2007). Além disso, a gordura pode ser considerada um descaso de si mesmo e um relaxamento social causando grande pressão nos indivíduos, independente de sua etnia (Antonio, 2008).

A realização de etnociurgia pode ser vista com uma alternativa rápida para encontrar um êxito profissional ou pessoal (Masiero, 2015). A construção da identidade do brasileiro volta-se para uma aceitação de si mesmo associado à aprovação da sociedade. No entanto, essa falsa sensação de que a aparência facilitará a vida social e profissional motiva os indivíduos a submeterem-se ao bisturi. Ferreira (2010) afirma que as pessoas estão buscando soluções através das cirurgias plásticas para acabar com a distinção social gerada pelo corpo, pois pensam que lhes trarão êxitos e integração social. Além disso, os fatores biológicos e culturais quando associados às etnociurgias podem revelar uma homogeneização dos traços étnicos que tende a igualar os corpos com o intuito de integração social, cultural e étnica.

Também pode provocar sutilmente uma nova forma de racismo onde a própria pessoa não se aceita em sociedade. Neste sentido, García Muñiz (2013) considera que as etnociurgias são uma forma de racismo dentro das sociedades multiculturais. Para ela, a democratização étnica acaba por produzir híbridos corporais que resultam na reafirmação da superioridade através dos corpos, principalmente, das identidades brancas e caucasianas. Assim, conforme a autora, a etnociurgia pode resultar em um artifício de identidade, pois produz situações ilusórias de igualdade, e ao mesmo tempo, reiteram as hierarquias raciais produzindo um racismo de novo cunho nas sociedades globalizadas.

Um dos artistas famosos pela realização de etnociurgias para amenizar seus traços étnicos,

principalmente os do nariz mestiço, foi o falecido Michael Jackson. Suas inúmeras rinoplastias quase acabaram deformando seu rosto. Ademais, ele sofria de uma enfermidade chamada vitiligo<sup>4</sup>, que o deixava com manchas brancas pelo corpo, submetendo-se a inúmeros tratamentos para clarear a pele, além do uso de muita maquiagem, o que provocava um aspecto de pele mais esbranquiçada. O que não se sabe, é se o clareamento da pele era uma consequência apenas terapêutica ou uma forma proposital dele sentir-se branco ou de autorracismo.

A rinoplastia é uma das etnociurgias mais frequentes, realizada com o objetivo de modificar o nariz mestiço caracterizado por possuir uma pele mais grossa com uma capa subcutânea fibrosa coberta por gordura de grande espessura (Chávez e Millán, 2007). Essa cirurgia visa a obtenção de um nariz mais fino, proeminente e com um dorso mais elevado que possa camuflar a espessura da pele (Vidal e Vigil, 2010). Além da rinoplastia, os pacientes mestiços costumam se submeter a procedimentos estéticos para redução dos lábios volumosos. Essa intervenção estética é oposta ao procedimento que a maioria das mulheres brancas faz para aumentar a boca e sentir-se mais sensual.

Por outro lado, deve-se destacar que as etnociurgias de nariz nem sempre tiveram exclusivamente um caráter estético. Durante os anos em que os judeus foram perseguidos, muitos eram reconhecidos por seus narizes aduncos característicos. Esse fato levou diversos judeus a realizarem cirurgias plásticas para mudar a sua aparência mascarando seus traços étnicos e podendo, assim, passarem despercebidos. Nesse caso, as etnociurgias não eram realizadas apenas esteticamente, mas eram quase uma necessidade de sobrevivência em uma época cuja a segregação social e religiosa imperava (Chagas, 2012).

Outra etnociurgia de destaque é a blefaroplastia feita principalmente pela população de origem asiática com o objeto principal de construir um sulco palpebral (Ramírez, Torres e Volpe, 2007; Aki, Sakae e Baracat, 2003). As mulheres que realizam essa cirurgia plástica buscam um rosto ocidentalizado em que possam usar maquiagens nos olhos e não notarem que a expressão facial tem um aspecto inchado (Aragoneses et al, 2009). A mudança do

rosto das asiáticas pode mudar completamente suas feições sendo difícil identificá-las depois de operada. Quando ocorrem intervenções cirúrgicas constantes e uma mudança corporal tão aparente, os médicos devem estar atentos para não tratar-se de um transtorno psicológico, por exemplo, como o transtorno dismórfico corporal (TDC) (Ramos, 2009).

García Muñiz (2010) discute a importância de se realizar uma análise feminista a respeito dos corpos das mulheres nas sociedades modernas que buscam os mais altos padrões de beleza e perfeição sob normas rigorosas exigidas pela cultura de gênero hegemônica e contemporânea difundidas para o consumo e a constituição de profundos processos de subjetivação. Para tanto, dedica especial atenção às etnocirurgias que intervêm diretamente na autopercepção dos sujeitos, já que as modificações corporais de correção dos traços corporais e faciais possuem implicações na definição identitária e em seus processos de subjetivação, seja na etnia, como já exposto no texto, seja nos gêneros sob forma de cirurgias transexuais ou de mudança de gênero. A identidade de gênero feminino ou masculino é considerado um autoconceito subjetivo e individual sendo objeto de inúmeras discussões na psicologia, porém pouco citado dentro da sociologia (Johnsdotter e Essen, 2010).

Entretanto, apesar do gênero não ser a forma inicialmente integrada no modelo clássico de etnia, sua incorporação dentro da sociedade é crescente, pois refere-se a uma forma de ser e sentir-se dentro de um grupo cultural onde as cirurgias são efeitos das interseções entre raça e sexualidade geradas principalmente pela globalização (Teixeira, 2016). No entanto, o modelo binário de gênero, feminino e masculino, está se extinguindo na multiplicidade de gêneros que vem surgindo além de um terceiro gênero transexual. Nesse sentido, observa-se o uso frequente do termo “*queer*” significando os plurais e as variáveis do corpo no espaço (Bento, 2006). Ademais, as etnocirurgias de mudança de gênero causam um forte impacto e estão emergindo no Brasil e no mundo, já que transforma o corpo, modifica o gênero, o nome e visa uma aceitação social (Vieira, 1996). Toda a simbologia do corpo envolvida na mudança de sexo deve ser levada em conta pelo paciente, além de haver um acompanhamento psicológicos antes e depois da cirurgia.

Também existem outros tratamentos estéticos menos invasivos especiais para todo tipo de pele, como o laser e as luzes pulsadas usadas utilizadas para o rejuvenescimento facial e corporal. Esses procedimentos revertem os danos ou manchas causadas pelo sol deixando a pele despigmentada, sem vasos aparentes e com um melhor aspecto. Também estimulam a produção de colágeno diminuindo a flacidez da pele. O laser fracionado também é usado para eliminar os melasmas<sup>5</sup>, comuns em pacientes de pele escura. No entanto, é importante ressaltar que esses aparelhos devem ser manipulados por pessoas capacitadas, pois as peles com a coloração mais escura costumam queimar com mais facilidade devido ao funcionamento do equipamento atingir a melanina, um composto polimérico (pigmento) que é fortemente estimulado pela luz do laser (Elsaie e Lloyd, 2008). Todos esses tratamentos estéticos buscam eliminar as marcar ou manchas da pele e são diferentes de acordo com o tipo de pele representando uma vaidade comum de todas etnias.

É importante destacar que existe uma certa confusão em relação ao termo etnocirurgias, etnoplásticas, cirurgias plásticas étnicas ou apenas cirurgias plásticas. Apesar de algumas discussões apontarem o uso da terminologia como forma discriminatória, essa definição está se popularizando com grande velocidade (Giacomini, 1996). Por outro lado, segundo Masiero (2015), a maioria dos médicos no Brasil não costuma utilizar essa terminologia, porém compreende que trata-se de uma maneira de especialização em algumas cirurgias sem nenhuma intenção de classificação ou discriminação. Para eles o que realmente importa é encontrar uma harmonia dos traços através das cirurgias plásticas independente de etnia, classe social ou cultura.

## 5. A identidade

As modificações na identidade produzidas pelas alterações da imagem corporal através das cirurgias plásticas demonstram que existe uma presença social importante nas etnocirurgias. De acordo com Citro (2009), essa presença social implica na mudança da significação, pois no princípio promove



uma sensação de libertação e autodeterminação, mas que rapidamente se transforma em um instrumento de controle externo ou social.

As representações simbólicas da cultura corporal na sociedade brasileira levam as pessoas a compararem constantemente os seus corpos, buscando assim maneiras de igualá-los em um padrão comum (Goldenberg e Ramos, 2007). As cirurgias plásticas e as etnocirurgias são uma das opções mais rápidas para alcançar este objetivo. No entanto, a comparação corporal pode fazer com que as pessoas ao compartilharem ideias sociais de corpo e de beleza, sejam iludidas com metas que nem sempre serão reais ou atingíveis causando grande insatisfação (Esteban, 2004: 85).

As etnocirurgias podem ser realizadas com o intuito de promover uma maior integração social, e consequentemente, modificam identidades (García Muñiz, 2010). Segundo Castells (2003), as identidades podem demonstrar as origens, os antecedentes e as características de um grupo social. Velasco (2007) afirma que o corpo social associa as pessoas aos grupos a que pertencem, como por exemplo, suas famílias, suas idades, suas tribos e suas profissões. Entretanto, o individualismo gerado nas sociedades modernas faz com que o corpo social se torne quase invisível ou homogêneo a essas diferenças. As distintas etnias transformam o corpo em uma projeção metafórica de símbolos individuais que nem sempre é desejada. Neste sentido, as etnocirurgias ao igualarem as aparências, também promovem uma diminuição da desigualdade social oriunda do período colonial.

Baumann e Gingrich (2005) usaram outra forma de definir identidades através da categorização de três gramáticas: o englobamento, o orientalismo e a segmentação. O englobamento é, para eles, um ato de construção da identidade por uma via de apropriação de algo, como por exemplo, o corpo modificado pela cirurgia com próteses. Já o orientalismo consiste no reflexo invertido, ou seja, quando os ocidentais, considerados racionais e tecnológicos, são vistos como calculistas e materialistas e os orientais, mais irracionais, supersticiosos e atrasados, são vistos como espontâneos, refinados e místicos. De outra forma, descrevem a segmentação da identidade

de acordo com o reconhecimento do outro. A etnocirurgia parece estar presente em todas essas categorias, pois se pode apropriar um novo corpo, mudar as formas de ver o oriental e o ocidental e também pode ser segmentada pela necessidade de reconhecimento do outro. A diferença estará apenas no enfoque em que cada indivíduo dará para a sua mudança corporal.

Outro ponto destacado dentro das etnocirurgias e da identidade é a questão dos imigrantes. O indivíduo que possui traços étnicos característicos e muda de país, pode sentir-se rejeitado e não adaptar-se por pensar que é diferente. A sensação de discriminação de um imigrante pode levá-lo a buscar uma modificação corporal, pois assim se sentirá mais adaptado e parte do novo grupo em que vive, facilitando inclusive a busca de empregos. Mais do que uma mudança física, a cirurgia plástica altera a autoestima e propicia uma maior aceitação de si mesmo e dos outros melhorando as relações em sociedade (Masiero, 2015).

Para Ferreira (2010), alguns imigrantes optam por etnocirurgias para diminuir a distinção e aumentar a integração social, pensando essa mudança facilitará o êxito profissional e pessoal. A pressão social e o imperativo moral, oriundo principalmente dos meios de comunicações, possuem um grande poder de transformar as mensagens em realidades, inclusive na maneira de ver o corpo humano em sociedade (Antonio, 2008). Essa publicidade frequentemente estimula o cuidado corporal como sinônimo de produto de consumo onde a aparência é fundamental para o êxito, deixando os indivíduos constantemente insatisfeitos e infelizes (Goldenberg e Ramos, 2007: 32). A insatisfação corporal provoca um desequilíbrio na identidade pessoal, pois a grande velocidade da mudança das informações no mundo globalizado faz com que os conceitos de identidade também se transformem constantemente.

Além disso, quando o sujeito se sente integrante do seu meio, modifica seu modo de agir e também a sua identidade. O corpo físico passa a ser homogêneo, e ao mesmo tempo, invisível de distinções pela extinção de traços que o diferenciam culturalmente. Le Breton (2010) considera o corpo como um rascunho ou uma página em branco onde é possível se transformar continuamente, na

mesma velocidade das mudanças socioculturais. A identidade e o corpo fazem parte de um mundo de informações modificáveis onde o indivíduo também deseja alterar a sua maneira de viver sentindo, assim, que o corpo lhe pertence e que pertence a um grupo social.

Neste sentido, Ennes (2010) aponta as questões dos imigrantes, do poder e das etnocirurgias fazendo uma relação entre o mundo globalizado e séculos XIX e XX. Para ele, em todas as épocas, as etnocirurgias poderiam ser compreendidas como uma estratégia para ganhar força dos agentes sociais com o objetivo de reposicionamento da aparência como “menos oriental”, “menos andino”, “menos árabe” ou “mais ocidental”. Trata-se das relações sociais de poder orientadas pelas representações dos atributos físicos, especialmente os ocidentalizados. Para o autor, os imigrantes possuem uma necessidade de eliminar as marcas corporais que denunciariam sua condição de estrangeiros, ou de minoria étnica, que poderiam representar algum obstáculo social de trabalho. A partir do estudo de Ennes, se entende que as etnocirurgias são um instrumento para a integração social entre os que se sentem desfavorecidos, mas ao mesmo tempo, podem ser uma resposta cultural que leva a um novo tipo de subordinação social. Isto porque ao submeterem-se a um padrão de beleza para viverem sem distinção, não pensam que estão aceitando um modelo social de corpo satisfatório coletivamente através de uma intervenção cirúrgica invasiva. Também nessa linha, Bourdieu (2007) afirma que através dos corpos se pode sofrer grandes injustiças sociais.

Os imigrantes sentem-se vulneráveis por deixarem a sua nação, os seus amigos e a sua família, e talvez, a sua própria identidade. Quando eles mudam de país, pretendem estar integrados social e culturalmente e quando esse desejo não se realiza aparecem uma série de sentimentos que alteram a estabilidade identitária. As etnocirurgias podem ser uma das alternativas encontradas por essas pessoas para amenizar a sensação de exclusão social, construindo uma nova identidade e melhorando a autoestima. Le Breton (2010), aponta que o sujeito ao modificar seu corpo, busca também modificar a sua existência e, conseqüentemente, cria uma nova identidade. Nesse caso, em outro país para sentir-se menos estrangeiro.

Entretanto, as etnocirurgias não são procedimentos médicos baratos e nem todos os imigrantes podem submeterem-se logo que chegam em outro país. Para isso, é necessário que se encontre um emprego ou que gaste as suas reservas para pagar a cirurgia plástica. Por essa perspectiva, a popularização das etnocirurgias para buscar um êxito profissional torna-se contraditória, pois para realizá-las é necessário que o sujeito já tenha algum êxito financeiro para pagá-las. Portanto, mesmo que ocorra uma maior democratização de público, ainda existe uma distinção econômica entre os pacientes que buscam tais cirurgias plásticas.

Por outro lado, também podemos pensar que ao modificar o corpo para evitar distinção, o indivíduo está sofrendo uma subordinação social através do corpo. Segundo Falcone (2009), os estereótipos criados nos últimos anos costumam determinar a procedência social e a discriminação pelo aspecto físico refletindo até mesmo na maneira de comportar-se em espaços públicos ou de conseguir um emprego. Assim, a globalização, que tende a homogeneizar, acaba criando os mais diversos tipos de discriminação social relacionados com os preconceitos étnicos. A distinção física ou moral, leva as pessoas a seguirem estereótipos de beleza para adquirirem um reconhecimento e integração social, onde as desigualdades sociais são inscritas no corpo por meio dos procedimentos cirúrgicos.

## 6. Multiculturalismo e globalização

Diante da diversidade cultural presente nas sociedades modernas criou-se modelos de inclusão como o multiculturalismo. Para entender a relação das etnocirurgias com as sociedades modernas é importante definir tal conceito. Para Will Kymlicka (1996), o multiculturalismo refere-se aos grupos minoritários que exigem reconhecimento de sua identidade e a acomodação de suas diferenças culturais. Expõe também, que a diversidade cultural surge da incorporação de culturas, antes autônomas, mas que ainda mantém o desejo de preservar a sua identidade. Essa diversidade cultural também pode surgir da imigração onde os



indivíduos se unem em associações para sentirem-se mais acolhidos.

Como os grupos étnicos desejam integrar-se na sociedade e serem aceitos como membros de plenos direitos, muitas vezes, se submetem a cirurgias plásticas com o fim de serem-se mais similares mesmo que corporalmente. No entanto, esses direitos sociais devem ser compatíveis com as reivindicações de quem se encontra em situação de desvantagem. Assim, o desafio do multiculturalismo dentro das sociedades democráticas consiste em acomodar essas diferenças de maneira estável e moralmente defensível (Gutmann, 1997). Para isto, utilizam mecanismos de proteção dos direitos civis e políticos dos indivíduos. É importante que tenham liberdade de associação, de culto, de expressão, de livre circulação e de organização política para proteger a diferença do grupo. A aceitação e a liberdade social deveria preservar as diferenças culturais visualizadas no corpo e não estimular a realização de etnociirurgias para se sentirem plenamente incluídos.

Ainda na linha do multiculturalismo, Charles Taylor (2009), aponta a necessidade de reestruturar o reconhecimento das políticas contemporâneas, pois elas acabam gerando uma falsa aceitação que pode causar um dano ainda maior. Esse falso reconhecimento pode ser associado com as modificações corporais para assemelharem-se a alguma etnia dominante e, assim, se sentirem cidadãos. Entretanto, esse anseio por reconhecimento pode acabar despreciando e maltratando os indivíduos quando na verdade eles deveriam ser autênticos em sua identidade cultural. A cidadania nasce da ideia de autenticidade, que é a capacidade do sujeito ter um sentido moral, uma voz interior que o torne singular. A realização de etnociirurgias pode ser uma maneira de buscar uma falsa aceitação em sociedade que pode ser prejudicial, sobretudo para a saúde do cidadão.

Com relação a globalização, Gervás e Burgos (2011), a definem como um fenômeno emergente e condicionante da estabilização econômica, política, social e educativa que domina os diferentes países do planeta. Contudo, apesar dos avanços econômicos, a globalização produz importantes desigualdades sociais geradas pela má distribuição da riqueza, que muitas vezes, obriga aos indivíduos

a migrarem em busca de uma oportunidade para melhorar de vida. De igual maneira, a globalização estimula o consumo, movendo a economia ao mesmo tempo em que aumenta as desigualdades e gera movimentos identitários étnicos. O corpo, como um produto de consumo através das etnociirurgias, pode ser uma das consequências da globalização para que o indivíduo seja reconhecido como atuante da sociedade e do mundo.

Dessa maneira, a globalização se refere a intensificação das conexões e interconexões de escala mundial em uma variedade de áreas da vida social. Alguns teóricos como Dickenson (1997) têm a esperança de que as transformações geradas pela globalização resolvam os problemas de alcance do Estado e também alguns dos velhos defeitos das democracias. Assim, pensam que as transformações da globalização deveriam ser vantajosas para as pessoas como a inclusão de grupos minoritários, a resolução de problemas meio ambientais e a ascensão das instituições econômicas mais democráticas (Rivero, 2001). E com a mesma visão para os corpos, com uma maior liberdade para decidir individualmente entre fazer ou não cirurgias plásticas.

Por outro lado, como a globalização cria modelos de beleza através dos meios de comunicação, estimula os imigrantes a realizarem etnociirurgias com o objetivo de sentirem-se mais “iguais” com melhores oportunidades e responsabilidades sociais. Ou seja, mesmo que as sociedades liberais e democráticas partam do princípio de igualdade e de liberdade, onde cada qual é livre para eleger o que quer fazer com o seu corpo ou com a sua vida, ainda existe a necessidade de aceitação dos outros. Essa aceitação pode gerar uma integração social desenvolvida com base no diálogo e no respeito e não somente na modificação do corpo.

Camps (2001) diz que para existir uma relação de diálogo não devemos ser tolerantes porque seria suportar o que não gostamos, mas que devemos aprender a conviver respeitando essas diferenças. E para isso, ele cita a educação como peça fundamental para que sejam aceitas tais diferenças étnicas. Segundo Rodrigues (1979), a melhor forma de educar para uma boa convivência seria através do exemplo, pois com a educação os indivíduos aprendem os valores e as regras que orientarão

seus comportamentos e suas relações com o mundo. As sociedades ditam as regras e os valores de consumo que são transformados em valores culturais, como por exemplo, controlar o peso corporal para poder utilizar um biquini como Ellias (1993) aponta. Porém, a educação transformadora e consciente pode proporcionar a aceitação de todos os indivíduos como cidadãos independentemente de seus corpos, crenças, classe ou religião.

Portanto, mesmo que existam modelos de inclusão, vemos que ainda persistem algumas formas de discriminações étnicas que podem ser representadas pelas etnocirurgias. A realização desses procedimentos em um mundo globalizado torna-se um grande paradoxo, pois ao mesmo tempo que se valorizam as diferenças culturais étnicas, as pessoas ainda procuram escondê-las. Neste sentido, Bordo (1993) considera que as práticas de beleza são mais que um artefato de consumo individual ou de feminização da cultura pela modernidade, pois são algo fundamental nas relações de dominação e subordinação social.

Outra autora que buscou através da metáfora uma solução para os problemas de discriminação dos corpos foi Donna Haraway (2013). Para ela, um ciborgue é:

(...) um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (Haraway, 2009: 36).

A realidade social que Haraway ressalta são as nossas construções políticas e a luta por uma sociedade sem exclusões de gênero, propondo superar as diferenças corporais com a fabricação de corpos neutros. Ou seja, a autora cria uma metáfora de transgressão das desigualdades de gênero para anular as desigualdades do corpo onde a polaridade e a dominação hierárquica, são questionadas. Por outro lado, apesar das etnocirurgias buscarem uma homogeneização do corpo apagando os traços culturais étnicos distintivos, tal como Haraway gostaria de aplicar com os gêneros, essa mudança cirúrgica, ao invés de diminuir as desigualdades

sociais, reforça as classificações étnicas apagando as características corporais consideradas menos valorizadas e construindo uma extensão dos grupos étnicos em situação de poder.

## 7. Conclusões

Com base no texto exposto, entende-se que a grande velocidade das informações no mundo globalizado pode influenciar na realização de etnocirurgias com o objetivo de integração social. O corpo é visto como um dos aspectos centrais das relações sendo associado a questões de poder, êxito e distinção social. Um dos propósitos das etnocirurgias é a construção de uma nova identidade onde o corpo transforma-se em um instrumento de integração em sociedade subordinado aos modelos sociais satisfatórios.

Assim, as etnocirurgias não deixam de ser um grande paradoxo, já que hoje o mundo preserva a diversidade cultural, mas também mascara as diferenças corporais. Compreende-se que modificar um traço étnico não é racismo, porém classificar as cirurgias plásticas como etnocirurgias acaba demonstrando que existe uma separação étnica para realizar o procedimento. Além disso, falta uma conscientização baseada numa educação respeitosa que valorize a beleza de cada etnia e não tente apagar a identidade corporal étnica.

O ideal de liberdade dos corpos no mundo moderno, muitas vezes, mais que libertar, pressiona os indivíduos a controlarem seus corpos seguindo os modelos de beleza estereotipados. A responsabilidade individual pelo cuidado do corpo provoca uma sensação de desigualdade, insatisfação e baixa autoestima entre os grupos de diferentes etnias através da forma física. O afã por aceitação social e êxito no mundo globalizado pode ser uma explicação para o aumento da procura por etnocirurgias. Pensa-se, por fim, que a sociedade só seria verdadeiramente multicultural ou globalizada se fosse possível a real valoração do individual e do diferente, com uma maior autonomia para que os indivíduos possam eleger a forma de utilizar o corpo como preferir, realizando ou não etnocirurgias.

## NOTAS

1. Bourdieu (2007) trata essa distinção associando o corpo a um produto social de consumo que interfere nas relações pessoais.

2. Disponível em [p://www.aaanet.org/publications/anthrosource e http://www.scopus.com/home.url].

3. Disponível em [http://redalyc.uaemex.mx, http://dialnet.unirioja.es e http://scholar.google.com].

4. O vitiligo é uma enfermidade da pele que causa manchas brancas em diferentes partes do corpo gerada pela destruição dos melanócitos que são as células que produzem o pigmento da pele.

5. Melasma é um transtorno cutâneo comum, principalmente em mulheres jovens com tons de pele claros, mas que pode afetar qualquer pessoa. O melasma pode estar se associado aos hormônios femininos estrógeno e progesterona.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKI, F. E.; SAKAE, E. K.; BACARAT, G. H. Z. (2003). Construção do sulco palpebral superior em pacientes orientais sem incisão cirúrgica. Experiência em 13 anos. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, 66(3). pp. 325-331.

ANTONIO, A. T. D. (2008). *Corpo e estética: um estudo antropológico da cirurgia plástica*. Dissertação de mestrado, Unicamp, São Paulo.

ARAGONESES, T. Y. et al. (2009). Planificación quirúrgica en el paciente asiático. *Gaceta dental: Industria y profesiones*, 207(0). pp. 196-208.

BARTH, F. (1976). *Grupos étnicos y sus fronteras*. México: Fondo de Cultura Económica.

BAUMANN, G.; GINGRICH, A.. (eds.) (2005). *Grammars of identity/alterity: a structural approach*. Nova York: Berghahn Books.

BENTO, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.

BORDO, S. (2001). El feminismo: la cultura occidental y el cuerpo. *Revista de estudios de género. La ventana*, (14). pp.7-81.

BOURDIEU, P. (2007). *A distinção crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk.

CAMPS, V. (2001). Educar la ciudadanía para la convivencia intercultural. *Revista Anthropos: Huelas del Conocimiento*, 191(0). pp. 117-122.

CASTELLS, M. (2003). *El poder de la identidad*. Madri: El País.

CHAGAS, P. D. (2012). Corpo e narrativa: a cena contemporânea, o caso Hatoum e um pequeno roteiro para prospecções futuras. *Revista Língua & Literatura*, 11(16). pp. 139-156.

CHÁVEZ, J. C. G.; MILLÁN, Y. J. (2007). Cambios antropométricos en la nariz mestiza después de rinoplastia abierta. *Revista Cubana de Cirugía*, 46(4). pp. 0-0.

CITRO, S. (2009). *Cuerpos Significantes. Travesías de una etnografía dialéctica*. Buenos Aires: Editorial Biblos.

DAMATTA, R. (1987). *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco.

DICKENSON, D. (1997). *Counting Women in: Globalization, Democratization, and the Women's Movement En The Transformation of Democracy*. A. McGrew, Eds. Cambridge: Polity Press.

DOUGLAS, M. (1988). *Simbolos naturales: exploraciones en cosmología*. Madri: Alianza.

ELLIAS, N. (1993). *El Proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. Espanha: Fondo de Cultura Económica.

ELSAIE, M. L.; LLOYD, H. W. (2008). Latest laser and light-based advances for ethnic skin rejuvenation. *Indian journal of dermatology*, 53(2). pp. 49-53.

ENNES, M. A. (2010). Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa. *Revista de Ciências Sociais*, 41(2). pp. 163-174.

ESTEBAN, M. L. G. (2004). *Antropología del cuerpo: género, itinerarios corporales, identidad y cambio*. Barcelona: Bellaterra.

FALCONE, N. (2009). *Discriminación por aspecto en Exclusión e inclusión. El problema de los colectivos discriminados*. M. Braylan, Comp. Buenos Aires: Centro de Estudios Sociales.

FERREIRA, F. R. (2010). Algumas considerações acerca da medicina estética. *Ciência & Saúde*, 12(15). pp. 67-76.

FOUCAULT, M. (1999). *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

FREYRE, G. (1980). *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Olympio.

GARCÍA MUÑIZ, E. G. (2010). *Transformaciones corporales: la etnociurgia*. Barcelona: UOC.

GARCÍA MUÑIZ, E. G. (2013). Del mestizaje a la hibridación corporal: la etnociurgia como forma de racismo. *Nómadias*, 38(0). pp. 81-97.

GEERTZ, C. (1992). *La interpretación de las culturas*. Barcelona: Gedisa.

GERVÁS, J. M. A. y Burgos, M. A. D. (2011). *La educación*

- intercultural en el espacio europeo de educación superior. Segóvia: Itamut.
- GIACOMINI, M. K. (1996). Gender and ethnic differences in hospital-based procedure utilization in California. *Archives of Internal Medicine*, 156(11). pp. 1217-1224.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S. (2007). *A civilização das formas: o corpo como valor em Nu & Vestido*. M. Goldenberg, Org. Rio de Janeiro: Record.
- GUTMANN, A. (1997). La justicia a través de las esferas. Em: *Pluralismo, justicia e igualdad*. D. Miller y M. Walzer, Comp. Argentina: Fondo de Cultura Económica.
- HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.) (2009). *Antropología do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY (ISAPS). Recuperado de [http://www.isaps.org/]. Consultado [03-05-16].
- JOHNSDOTTER, S.; ESSEN, B. (2010). A política de modificações dos genitais e a questão étnica. *Reproductive Health Matters*, 18(35). pp. 29-37.
- KYMLICKA, W. (1996). *Ciudadanía multicultural. Una teoría liberal de los derechos de las minorías*. Barcelona: Paidós.
- LE BRETON, D. (2010). Una Antropología del cuerpo en el mundo contemporáneo. Em: GUIRAO, J. E. M.; A.T. Infantes (orgs.). *Cuerpo y cultura*. Madrid: Icaria.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1999). *Raza y cultura*. Madrid: Altaya.
- MACHADO-BORGES, T. (2008). O antes e o depois: Feminilidade, classe e raça na revista *Plástica e Beleza*. *Luso-Brazilian Review*, 45(1). pp. 146-163.
- MARTÍNEZ-MAGDALENA, S. (2014). Calipedia moral, eugenesia estética y bellezas quirúrgicas: un post-racismo tecnomédico en las democracias liberales. *Revista de Ciencias Sociales*, 2(2). pp. 182-200.
- MASIERO, L. M. (2015). *Cirugías plásticas, antropología y fisioterapia: ¿Cuál es la relación?* Alemania: Editorial Académica Española.
- MAUSS, M. (1979). *Sociología y Antropología*. Madrid: Editorial Tecnos.
- MOTA, C. G.; LOPEZ, A. (2009). *Historia de Brasil: una interpretación*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- RAMÍREZ, O.; TORRES, A. N.; VOLPE, C. R. (2007). El ojo hermoso. *Cir Plast Iberolatinoam*, 33(2). pp. 79-90.
- RAMOS, K. P. (2009). *Escala de Avaliação do Transtorno Dismórfico Corporal: Propriedades psicométricas*. Tese de Doutorado, Programa de Doutorado de Psicologia, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo.
- REYES, J. C. (2001). Vale más la belleza con imperfección, que la perfección sin belleza. *Cirugía Plástica*, 11(3). pp. 108-109.
- RIVERO, A. (2001). Ciudadanía y globalización. *Anthropos: Huelas del Conocimiento*, 191 (0). pp. 71-78.
- RODRIGUES, J. C. (1979). *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- SINGH, R.; VATSA, M.; BHATT, H. S.; BHARADWAJ, S.; NOORE, A.; NOOREYEZDAN, S. S. (2010). Plastic surgery: A new dimension to face recognition. *IEEE Transactions on Information Forensics and Security*, 5(3). pp. 441-448.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA (SBCP). recuperado de [http://www2.cirurgiaplastica.org.br/midias/pesquisas/]. Consultado [21-05-2016].
- TAYLOR, C. (2009). *El multiculturalismo y la política del reconocimiento*. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- TEIXEIRA, M. (2016). Globalização sexual e seus potenciais criativos: etnias,(trans) sexualidades e “pop-stars”. *Revista Periódica*, 1(4). pp. 179-191.
- VELASCO, H. M. (2007). *Antropología, cuerpo y espacio. Símbolos y metáforas, representación y expresividad de las culturas*. Madrid: Universitaria Ramón Areces.
- VIDAL, B. C.; VIGIL, T. C. (2010). Rinoplastia en la nariz mestiza y negroide. *Medisur*, 8 (1). pp. 26-31.
- VIEIRA, T. R. (1996). *Mudança de sexo: aspectos médicos, psicológicos e jurídicos*. São Paulo: Livraria Santos Editora.